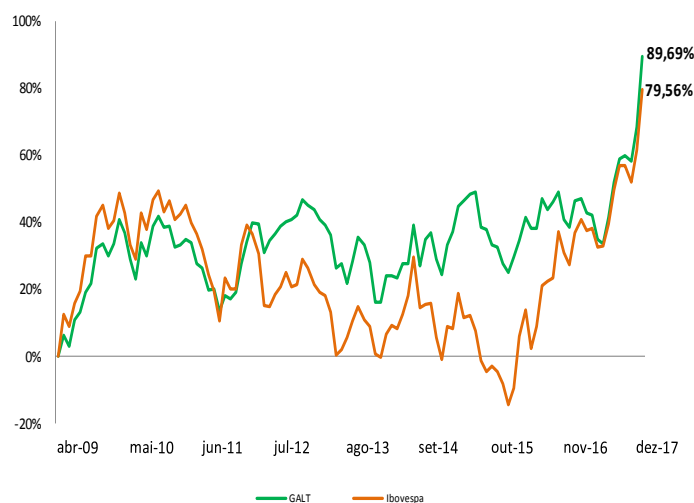


CARTA DO GESTOR

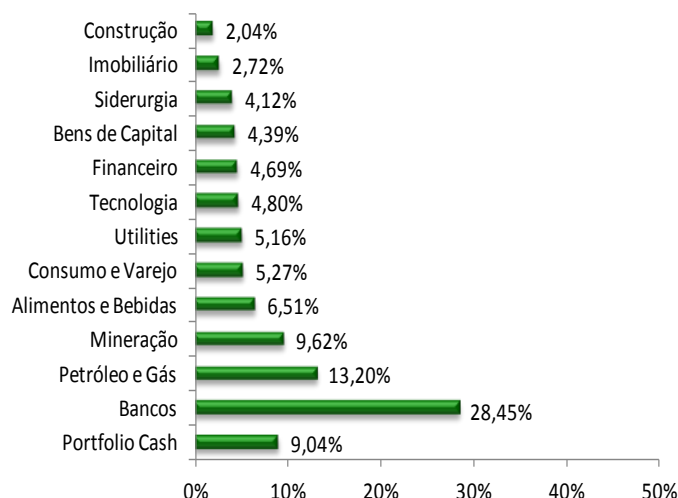
DESEMPENHO DOS PRODUTOS

	Janeiro	No ano	12 meses	24 meses	Desde o início
GALT FIA	12,56%	12,56%	29,57%	51,64%	89,69%
IBOVESPA	11,13%	11,13%	31,30%	110,15%	79,56%

GALT FIA - PERFORMANCE HISTÓRICA

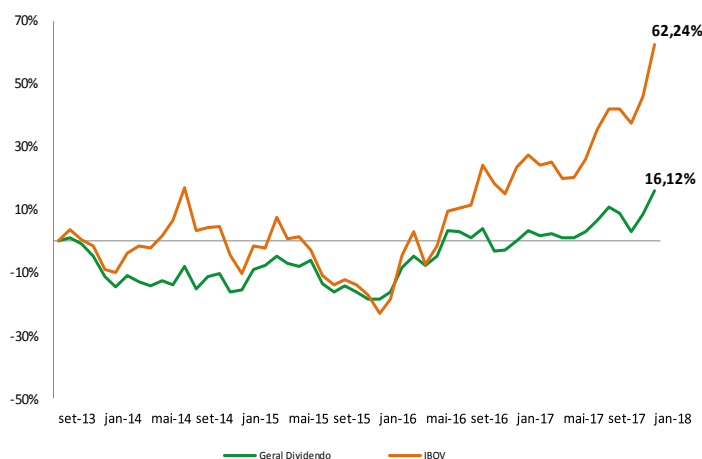


ALOCAÇÃO SETORIAL ATUAL

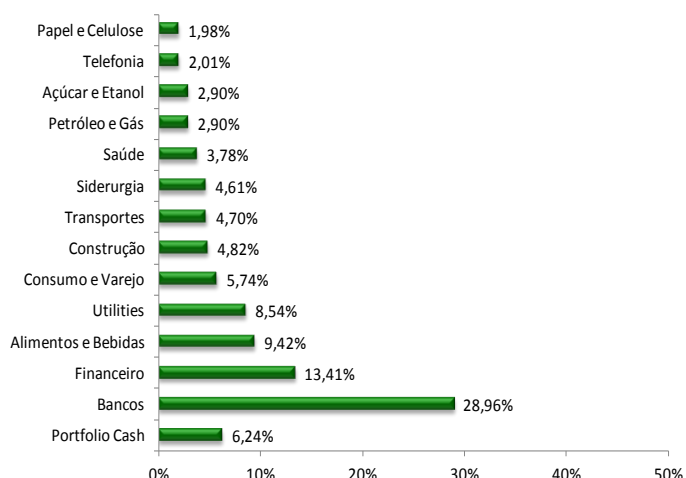


	Janeiro	No ano	12 meses	24 meses	Desde o início
GERAL DIVIDENDO FIA	7,06%	7,06%	16,00%	42,17%	16,12%
IBOVESPA	11,13%	11,13%	31,30%	110,15%	62,24%

GERAL DIVIDENDO FIA - PERFORMANCE HISTÓRICA



ALOCAÇÃO SETORIAL ATUAL



COMENTÁRIO ECONÔMICO

Selic no menor nível da história

De acordo com os indicadores divulgados até meados de fevereiro, sendo alguns de fechamento do ano passado e outros relativos a janeiro de 2018, têm-se sobretudo que a economia brasileira está crescendo em ritmo gradual, com inflação sob controle e abaixo da meta. Ademais, observa-se que o crédito está sendo retomado e com diminuição da alavancagem e do endividamento privado, que o setor externo segue favorável, sem sinalizar problemas no balanço de pagamentos em 2018 e que os dados do setor fiscal seguem complicados, mas marginalmente melhor. E nesse último caso, que poderia haver um melhor ajuste pela aprovação da reforma da previdência, aparentemente, até o momento do término desta carta, parece pouco provável que tenhamos a aprovação ainda em 2018. A tarefa, ao que tudo indica, ficará para o próximo presidente que assumirá a partir de 2019.

Principalmente por conta da demora do ajuste fiscal e do ambiente político conturbado, a agência internacional de risco Standard&Poor's (S&P) rebaixou a nota de crédito soberano do Brasil de "BB" para "BB-". Assim, o rating brasileiro segue sem o selo de bom pagador, mas agora está três degraus abaixo do grau de investimento. Esse novo rebaixamento já era aguardado pelo mercado em razão das dificuldades do governo para conseguir a aprovação da reforma da Previdência e das incertezas em relação às eleições desse ano.

E mesmo como o rebaixamento da nota de crédito pela S&P, cabe destacar, ainda no âmbito interno, que no último dia 07 de fevereiro o Comitê de Política Monetária do Banco Central do Brasil (Copom) tomou a decisão de reduzir novamente a taxa básica de juros de 7% para 6,75% a.a., o menor valor da história desde que foi criado o Comitê em 1996. Em tese, mais um rebaixamento exigiria um prêmio de risco e, por consequência, uma taxa de juros mais elevada. Todavia, nesse instante, o Copom não está precisando utilizar a taxa de juros como instrumento quase único de atratividade de capitais externos para o Brasil (como ocorrido na década de 1990 e meados dos anos 2000), dado o ambiente de juros internacionais ainda abaixo dos valores históricos e de elevada liquidez. Por isso, segundo o comunicado do Copom pós-reunião, a autoridade decidiu reduzir novamente a taxa de juros por entender **"que esse movimento é compatível com a convergência da inflação para a meta no horizonte relevante para a condução da política monetária, que inclui os anos-calendário de 2018 e, com peso menor e gradualmente crescente, de 2019"**. Ademais, mencionou **"que a conjuntura econômica prescreve política monetária estimulativa, ou seja, com taxas de juros abaixo da taxa estrutural"**. E enfatizou **"que o processo de reformas e ajustes necessários na economia brasileira contribui para a queda da sua taxa de juros estrutural. As estimativas dessa taxa serão continuamente reavaliadas pelo Comitê"**. Ou seja, nesses trechos selecionados do comunicado observa-se que o Copom delimitou a sua atuação da taxa ao patamar atual ao ano de 2018 e marginalmente a 2019. E para que os juros básicos permaneçam no nível atual ou abaixo é necessário que haja ajustes de mais longo prazo, como a aprovação da reforma da previdência. Desse modo, o Copom ainda que **"Para a próxima reunião, caso o cenário básico evolua conforme esperado, o Comitê vê, neste momento, como mais adequada a interrupção do processo de flexibilização monetária. Essa visão para a próxima reunião pode se alterar e levar a uma flexibilização monetária moderada adicional, caso haja mudanças na evolução do cenário básico e do balanço de riscos. O Copom ressalta que os próximos passos da política monetária continuarão dependendo da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos, de possíveis reavaliações da estimativa da extensão do ciclo e das projeções e expectativas de inflação"**. Isto é, nesse último trecho o Copom sinalizou que a Selic deve ficar em 6,75% ao ano nos próximos meses, com pequena chance de recuo caso o cenário surpreenda positivamente em termos de inflação corrente e perspectivas de preços mais moderados no futuro.

No quadro internacional, destaca-se a economia dos Estados Unidos, onde o Federal Reserve (Fed, Banco Central dos Estados Unidos) pode elevar mais vezes a taxa básica de juros em 2018 do que era projetado pelo mercado, dado que já haveria indícios de maior pressão nos preços por lá e de que poderá haver mais inflação ainda pela política fiscal expansionista adotada pelo presidente norte-americano, Donald Trump, que reduziu os impostos pagos pelas empresas dos Estados Unidos. E essa expectativa de alta da taxa de juros promovida pelo Fed gerou um forte movimento de venda dos ativos nas bolsas mundiais no começo de fevereiro, após ótimo desempenho do mercado de ações em janeiro (para mais detalhes, ver comentário do gestor nessa carta).

Em relação às expectativas do mercado, (ver tabela do Relatório Focus a seguir) aponta-se que a economia brasileira deve crescer 2,66% em 2018 e a indústria 3,18, com inflação abaixo de 4%, isso pela estimativa do IPCA, e Selic ficando em 6,75% ao ano até o fechamento de 2018. Além disso, é possível verificar que são esperados US\$ 80 bilhões vindos dos estrangeiros, via investimento direto e déficit em transações correntes de US\$ 27,20, o que significa contas externas equilibradas. O principal problema segue com as contas públicas, onde a estimativa para um valor de dívida bruta do setor público alcançando 74% do PIB e resultado primário negativo em 2% do PIB em 2018.

Relatório Focus do Banco Central - Expectativas do Mercado para 2018

Indicadores	dez-16	mar-17	jun-17	set-17	out-17	nov-17	dez-17	jan-18
IPCA (%)	4,50	4,50	4,25	4,06	4,02	4,02	3,96	3,95
IGP-DI (%)	4,91	4,61	4,50	4,50	4,50	4,50	4,44	4,50
IGP-M (%)	4,84	4,60	4,50	4,44	4,39	4,38	4,39	4,50
IPC-Fipe (%)	4,50	4,50	4,50	4,23	4,39	4,49	4,28	4,23
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,50	3,40	3,40	3,30	3,30	3,30	3,34	3,30
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,48	3,35	3,40	3,24	3,24	3,27	3,31	3,30
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	9,75	8,50	8,25	7,00	7,00	7,00	6,75	6,75
Meta Taxa Selic - média do período (% a.a.)	10,00	8,75	8,25	7,00	6,88	6,81	6,75	6,75
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	55,35	55,00	55,17	55,70	55,81	55,40	55,70	55,40
PIB (% de crescimento)	2,30	2,50	2,00	2,38	2,50	2,58	2,70	2,66
Produção Industrial (% de crescimento)	2,10	2,06	2,30	2,40	2,98	2,90	3,12	3,18
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-34,00	-36,50	-33,80	-31,15	-30,00	-29,00	-29,00	-27,20
Balança Comercial (US\$ bilhões)	39,03	41,90	46,00	50,00	52,20	53,60	52,50	54,50
Invest. Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	70,00	74,50	75,00	75,00	80,00	80,00	80,00	80,00
Preços Administrados (%)	4,80	4,60	4,70	4,70	4,80	4,90	5,00	4,75

Fonte: Banco Central

Notas: (1) dados coletados do Relatório Focus no fim de cada mês. (2) Em janeiro/18, o dado foi coletado no dia 26/01. (3) As cores na tabela indicam mudança nas expectativas do mercado, para melhor (verde), para pior (vermelho).

Por fim, no que tange ao futuro, espera-se que a economia siga no processo de recuperação da atividade econômica iniciado em 2017, com melhora no emprego e no crédito, com inflação abaixo da meta, contas externas sob controle e contas públicas ainda negativas. Os riscos para a concretização de um cenário são as mudanças no cenário externo que está bastante favorável e as incertezas eleitorais desse ano, mesmo que o TRF-4 tenha praticamente inviabilizado a candidatura do ex-presidente Lula, pois a disputa eleitoral está bastante aberta, gerando dúvidas em como será a política econômica a partir de 2019, com um novo presidente.

COMENTÁRIO ANÁLISE

CVC segue apresentando ótimos resultados

A temporada de divulgação de resultados do quarto trimestre de 2017, bem como dos números consolidados do ano passado, teve início no final de janeiro. Escolhemos comentar os resultados da CVC nessa carta, dado que a empresa tem apresentado números consistentes e a ação segue apresentando valorizações consecutivas.

Um aspecto importante a ser destacado com relação à CVC é que não podemos considerá-la uma empresa "barata". Atualmente a companhia apresenta um P/L (relação entre preço e lucro por ação) de 33x e com um P/L projetado para o final de 2018 em aproximadamente 24x. Uma análise fria desse número nos diria que o lucro anual da companhia demoraria 33 anos para pagar o seu investimento. No entanto, ao analisarmos a projeção para o final do ano vemos que há uma expectativa de crescimento de mais de 30% do lucro em 2018. E aí é que está o valor da companhia.

A CVC vem recorrentemente apresentando resultados fortes e com taxas de crescimento muito interessantes. Além disso, seus níveis de rentabilidade são muito atrativos. A fim de facilitar a avaliação dos resultados da companhia, quando for citado resultado trimestral a comparação é feita entre o quarto trimestre de 2017 e o mesmo período de 2016. Quando for mencionado resultado anual a comparação é feita entre os anos fechados de 2017 e 2016.

A receita líquida da companhia apresentou crescimento de 6,8% no trimestre, atingindo R\$ 339 milhões. No ano de 2017 a receita líquida da companhia somou R\$ 1,18 bilhão, uma alta de 7,2%. Esse desempenho é explicado pelo crescimento de 12,4% das reservas no trimestre e de 13,5% no ano. É importante destacar que em todos os trimestres de 2017 houve um crescimento de duplo dígito nas reservas. O destaque foi o segmento corporativo.

Com relação ao Ebitda, houve uma alta de 10,9% no trimestre, para R\$ 171 milhões e margem de 50,4%. No ano o ebitda fechou em R\$ 594 milhões, um importante crescimento de 12,9%. A margem ebitda do período ficou em 50,1%.

Comprovando a alavancagem operacional da companhia, o lucro líquido aumentou 25,7% no trimestre, para R\$ 86 milhões e margem de 25,4%, e atingiu R\$ 251 milhões em 2017 (+20,6%). A margem líquida de 2017 ficou em 21,2%. Esse crescimento do lucro é explicado por um forte controle nas despesas e um resultado financeiro mais favorável, dado que a redução do CDI no período auxiliou na redução do custo da dívida.

A alavancagem a companhia está em patamares bastante confortáveis. A relação dívida líquida ebitda encontra-se em 1,5x, levemente acima do patamar de 1,2x verificado no 4T16. A CVC está num período de forte crescimento, com objetivo de abertura de 100 novas lojas por ano.

COMENTÁRIO DO GESTOR

Bolsa bate recorde

O ano de 2018 começou excepcional para o mercado financeiro, em especial para o mercado de ações. O Ibovespa subiu 11,1% e Dow Jones 5,8% em janeiro, ambos batendo recorde de cotação, dado o cenário internacional bastante favorável e juros no Brasil em patamar histórico de baixa. Já no início de fevereiro, o humor do mercado mudou um pouco e os principais índices de ações pelo mundo tiveram forte queda em razão da sinalização do Fed de elevar mais vezes a taxa de juros em 2018 devido ao risco de elevação maior da inflação norte-americana do que era esperado (iremos falar mais sobre isso na carta de março/2018).

Quanto aos índices de bolsa do Brasil, observa-se na tabela a seguir que o setor financeiro, visto pelo IFNC, foi o destaque positivo de janeiro, apresentando alta de 19,3%, contra 11,1% do Ibovespa. Destaca-se ainda que tiveram desempenho bem a abaixo do Ibovespa em janeiro os índices do setor de consumo (ICON), o do imobiliário (IMOB) e de energia elétrica(IEE).

Índices da Bolsa Brasileira (B3)

Índices	variação %										
	2012	2013	2014	2015	2016	2017	nov/17	dez/17	jan/18	2018	12 meses
Índices Amplos											
IBOVESPA	7,4	-15,5	-2,9	-13,3	38,9	26,9	-3,2	6,2	11,1	11,1	31,3
IBRX100	11,6	-3,1	-2,8	-12,4	36,7	27,6	-3,4	6,4	10,7	10,7	31,8
MLCX - Índice Mid-Large Cap	12,1	-2,0	-1,4	-11,7	37,3	25,3	-3,4	6,2	11,4	11,4	30,7
SMALL - Índice Small Caps	28,7	-15,2	-17,0	-22,4	31,7	49,4	-2,4	7,0	4,3	4,3	39,8
IDIV - Dividendos	21,5	-4,2	-18,0	-27,5	60,5	25,3	-6,7	4,9	9,9	9,9	26,8
Índices Setoriais											
IEE - Energia Elétrica	-11,7	-8,8	3,5	-8,7	45,6	10,0	-2,8	2,1	2,1	2,1	5,0
INDX - Setor Industrial	26,3	3,2	-4,6	5,3	5,3	20,1	-4,7	6,8	5,0	5,0	22,1
ICON - Consumo	40,4	0,8	11,6	-6,7	13,2	33,1	-3,5	6,8	1,4	1,4	30,6
IMOB - Imobiliário	22,4	-26,4	-18,1	-21,4	32,7	31,9	-1,6	6,2	3,8	3,8	17,6
IFNC - Financeiro	15,7	2,9	19,5	-12,4	47,2	26,0	-3,9	4,4	19,3	19,3	38,1
Índices de Sustentabilidade e de Governança											
ISE - Sustentabilidade Empresarial	20,5	1,9	-1,9	-12,9	13,8	17,4	-6,1	4,9	7,9	7,9	23,9
IGC - Governança Corporativa	19,0	-2,0	2,3	-12,0	28,9	29,9	-3,2	5,9	8,2	8,2	31,4
ITAG - Ações com Tag Along Dif.	19,2	-0,6	7,6	-10,7	30,2	28,3	-3,8	5,3	10,0	10,0	32,3

Fonte: Bloomberg.

Nota: dados coletados até 31.01.2018.

Em relação ao futuro, seguimos vislumbrando um cenário positivo para o mercado de ações para os próximos períodos, não sem ajuste como vimos no início de fevereiro. Isso porque a economia já está mostrando sinais de recuperação e, por consequência, as empresas também. E isso já está acontecendo num momento que entendemos ser ainda de início da recuperação, o que significa que o potencial de evolução é considerável nesse instante. E isso combinado com a Selic no menor da história e com o cenário internacional ainda bastante favorável, apresentando crescimento sincronizado das principais economias do globo e redução do desemprego. Os riscos para a concretização de um cenário são as mudanças no cenário externo e as incertezas eleitorais de outubro desse ano.

Atenciosamente,
Equipe de Gestão

GESTOR

Geral Investimentos Gestão de Recursos
www.geralinvestimentos.com.br
Fone: (51)3213.2727

ADMINISTRADOR/DISTRIBUIDOR

BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S/A
(CNPJ: 02.201.501/0001-61)
Endereço: Av. Presidente Wilson, 231—
11º andar Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20.030-905
Fones: (21) 3219-2998 / Fax (21) 3974-4501
SAC: "Fale Conosco" em www.bnymellon.com.br/sf
(21) 3974-4600, (11) 3050-8010,
0800 725 3219
ouvidoria@bnymellon.com.br

INFORMAÇÕES

gestao@geralinvestimentos.com.br

CUSTODIANTE

Banco Bradesco S.A.

AUDITORIA

Deloitte

DISTRIBUIDOR

Geral Investimentos
www.geralinvestimentos.com.br
(51) 3213-2727

OUVIDORIA

Fone: 0800 7742006

CONTA CORRENTE DO FUNDO

Cientes Geral Investimentos

Favorecido: Corretora Geral de Valores e Câmbio
CNPJ: 92.858.380/0001-18
Banco: BM&F Bovespa — 096
Ag.: 0001 C/C: 446-6

Cientes BNY Mellon

Favorecido: Geral Asset Long Term Fia
CNPJ: 04.163.555/0001-05
Banco: Bradesco – 237
Ag.: 2856
C/C: 616.527-3

Este material é fornecido ao seu destinatário com a finalidade exclusiva de apresentar informações, não se constituindo numa oferta de venda ou uma solicitação para compra de ações. A Geral Investimentos—Gestão de Recursos não integra o sistema de distribuição de valores. A distribuição dos produtos geridos pela empresa são realizadas pela Geral Investimentos e seus prepostos. Os fundos de ações podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Investir em ações é recomendo a clientes com perfil arrojado. Mudanças no cenário econômico podem acarretar oscilações nos preços das ações afetando seu desempenho. O prazo recomendado para este investimento é de longo prazo. Produto destinado ao varejo.

A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é obrigatória a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A taxa de administração exposta acima é a taxa mínima, tendo em vista que o fundo admite aplicações em cotas de outros fundos de investimento, fica instituída a taxa de administração máxima de 3% ao ano sobre o valor do patrimônio líquido. As rentabilidades divulgadas não são líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos – FGC. Em atendimento à Instrução CVM nº 465, desde 02/05/2008, os fundos de renda variável deixaram de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passou a fazê-lo com base na cotação de fechamento. Assim comparações de rentabilidade devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média dos índices de ações e, para períodos posteriores a esta data, a cotação de fechamento.